

De
Famalicão
para o
Mundo



H O L L

Em torno da
memória do
holocausto e a
ajuda
humanitária



O C A U

25.
26.09.20



Strafen im Lager:

Art:





Apresentação e divulgação do Projeto “Nunca Esquecer – Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto”

Luiz Barreiros

Membro do Grupo de trabalhos do Projeto e Chefe da Delegação Portuguesa junto da Internacional Holocaust Remembrance Alliance (IHRA)

I

A IHRA – Aliança Internacional para a Memória do Holocausto: história, objetivos, elementos constitutivos, iniciativas.

As “Declaração de Estocolmo” (2000) e a “Declaração Ministerial” (janeiro, 2020)

As definições de trabalho

Portugal e a IHRA: Observador, País de Ligação, País Membro / Parceiros institucionais e a Sociedade Civil

II

“Projeto Nunca Esquecer – Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto”

A RCM 51/2020 e a comissão interministerial que a precedeu.

A realidade subjacente que há que corrigir: o escasso conhecimento entre nós sobre as questões do Holocausto, sobre os salvadores portugueses, ou sobre as compatriotas vítimas do sistema nazi

Os objetivos e os quatro eixos estruturantes

O estudo e o conhecimento do Holocausto para a prevenção da sua repetição

O carácter nacional e aberto do programa

Para além do Projeto e da existência da respetiva Comissão

Nota biográfica

Diplomata de carreira (jubilado); Representante nacional no Grupo de Trabalho ad hoc da Comissão Europeia para a Luta contra o Antissemitismo; Chefe da delegação portuguesa à IHRA – Aliança Internacional para a Memória do Holocausto. Foi embaixador residente em Havana (2008-2013), em Zagreb (jan.2005-2008) e em Bagdad (2001-2004), tendo ainda apresentado credenciais como embaixador não-residente em Port-au-Prince (Haiti) e Podgorica (Montenegro). Coordenador Especial do Processo de Paz do Médio Oriente no âmbito da PPUE de 2000 (agosto 1999-julho 2000); Cônsul-Geral em Boston (dez.1994-1999); Adjunto do gabinete do Secretário de Estado da Cooperação (1993-1994) e Diretor dos Serviços de Cooperação Multilateral no ICE - Instituto para a Cooperação Económica (1990-1993). Serviu ainda na Missão Permanente de Portugal junto das Nações Unidas (1987-1990) e na Embaixada em Maputo (1984-1987). Ingressou no Serviço Diplomático no concurso aberto em janeiro de 1980. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito – Universidade Clássica de Lisboa. Ensino primário e liceal no Porto. Nascido no Porto (freguesia de Cedofeita) em 1948. Agraciado com a Grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique e a Grã-cruz da Ordem de Mérito. Ordem de Branimir (Croácia).



Portugal e os Nazis – Histórias e Segredos de uma Aliança

Cláudia Ninhos

Instituto de História Contemporânea - NOVA/FCSH

Em meados dos anos 30, a “cultura alemã” era já um elemento essencial da política externa nacional-socialista. No entanto, esta “política cultural” (*Kulturpolitik*) era indissociável das ambições políticas e económicas do regime. Isto é, tratava-se de uma diplomacia que procurava promover a germanização de toda a Europa, dissimulando o cariz económico e político desse imperialismo que a Alemanha pretendia, afinal, impor a todo o continente. Durante a Segunda Guerra Mundial, os países neutros, como Portugal, foram um importante foco de ação da política cultural da Alemanha, com o intuito de os atrair para a sua esfera de influência. Não se pense, no entanto, que só a guerra despertou o interesse da Alemanha por Portugal. A historiografia tem já sublinhado o importante relacionamento existente entre os dois países, nos mais diversos domínios. E a cultura também não escapou a esta realidade.

A Alemanha começou a praticar uma “política cultural” sistemática em Portugal ainda durante a República de Weimar, no final da década de 1920. Esta revelar-se-ia de extrema importância para o reatar das relações entre os dois países, interrompidas pela participação portuguesa na Grande Guerra. Contudo, foi sem dúvida o Terceiro Reich que veio intensificar este esforço ao longo da década de 1930 e de 1940, com o propósito de promover a compreensão pelo novo regime, criando um clima de simpatia e boa vontade face ao regime, às suas políticas raciais e às suas reivindicações territoriais, influenciando ainda as políticas e a orientação ideológica do Estado Novo. A estratégia passava pela difusão de filmes, de revistas e até de programas de rádio (“A Alemanha Fala”). Organizaram exposições de arte, viagens de artistas e de académicos conceituados a Portugal. Promoveram o intercâmbio académico e o ensino do alemão. A Alemanha, tal como o fizeram os outros beligerantes, recorria aos institutos culturais, a sociedades bilaterais ou, entre várias instituições, às escolas alemãs. A Junta de Educação Nacional (JEN) e o Instituto para a Alta Cultura (IAC), sendo as instituições que, em Portugal, se dedicaram à promoção do intercâmbio cultural e científico, foram objeto de especial atenção por parte da diplomacia alemã. Rapidamente a Alemanha se transformou num dos principais destinos dos bolséis da JEN e, mais tarde, do IAC. Mesmo durante a guerra, os portugueses continuaram a solicitar bolsas para estudarem e estagiarem nas instituições alemãs. Com recurso as fontes do arquivo histórico do Instituto Camões, que herdou a documentação daquelas duas instituições, assim como do Arquivo Político do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, procuraremos compreender o intercâmbio entre os dois países e as redes pessoais e institucionais que uniram os dois países durante um dos períodos mais difíceis da história europeia. Nesta comunicação apresentaremos, de forma sucinta, o livro “Portugal e os Nazis”, que reproduz, parcialmente, a tese de doutoramento intitulada “Para que Marte não afugente as Musas. A Política Cultural Alemã em Portugal e o Intercâmbio Académico (1933-1945)”.

Nota biográfica

Doutorada em História, área de especialização em História Contemporânea, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, instituição onde concluiu também a licenciatura e o mestrado. É investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea, tendo vindo a especializar-se na história das relações luso-alemãs, do Nacional-Socialismo e do Holocausto. Participou, como investigadora, nos projetos «The Power of Science. German Science in Portugal (1933-45)», financiado pela FCT, e «Os Trabalhadores Forçados Portugueses no III Reich», financiado pela Fundação EVZ e pelo Goethe Institut. Desde julho de 2017, é Vogal do Conselho de Administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes. Coeditou o livro *A Angústia da Influência. Política, Cultura e Ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul, 1933-1945* (Frankfurt am Main, Peter Lang, 2014) e o volume *Nazi Germany and Southern Europe* (New York, Palgrave, 2015). É coautora do livro *Salazar, Portugal e o Holocausto* e autora do livro *Portugal e os Nazis (A Esfera dos Livros, 2017)*. A sua tese de doutoramento foi galardoada com o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea 2017.



Memórias de Aristides (projeto de Museu de Vilar Formoso)

Margarida Magalhães Ramalho

Instituto de História Contemporânea - NOVA/FCSH

Vilar Formoso, Fronteira da Paz, Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes foi uma iniciativa da Câmara Municipal de Almeida e inaugurou a 26 de agosto de 2017. Localiza-se, em Vilar Formoso, no Largo da Estação em frente ao edifício da antiga Alfândega, um lugar simbólico, por onde todos os refugiados que entraram por esta fronteira – viessem de carro ou de comboio – tiveram de passar. O projeto arquitetónico é de Luisa Pacheco Marques, que concebeu um museu onde todas as estruturas refletem o contexto histórico a que se referem. A investigação e curadoria é de Margarida Magalhães Ramalho. Este Centro de Interpretação/Museu, está dividido em seis núcleos: Gente como nós, O Início do Pesadelo, A Viagem, Vilar Formoso, Por Terras de Portugal e Partida. Através de testemunhos reais em vídeo, de imagens e filmes de época o visitante pode revisitar um dos momentos mais conturbados da história europeia, a 2ª Guerra Mundial. Será também confrontado com a acção humanitária do cônsul português de Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, que com a sua decisão terá salvo milhares de vidas. Este museu quer também dar voz àqueles que viveram este período, e que pela força das circunstâncias foram obrigados a fugir e a recomeçar das cinzas as suas vidas. Ao longo do percurso expositivo é-se sempre acompanhado por testemunhos escritos ou em vídeo – estes últimos maioritariamente provenientes da Shoah Foundation - e por histórias de pessoas que foram contactadas no âmbito deste projecto ao longo dos cinco anos que decorreu a investigação. Algumas dessas pessoas, todas com mais de oitenta anos e vindas de várias partes do mundo, fizeram questão de estar presentes na inauguração deste Memorial. Como se pode inferir pelo nome dos núcleos, ao longo do percurso expositivo é dada informação que contextualiza historicamente a ascensão e primeiros anos do nazismo, que explica as razões que levaram tanta gente a fugir e assim escapar aos campos de extermínio, as dificuldades encontradas durante a fuga através da Europa e o papel fundamental de Sousa Mendes. Fala-se também da chegada de milhares de pessoas a Vilar Formoso - onde mais tarde viria a ficar "enclausurado" um comboio com 300 judeus que acabaria por ter de regressar a França. O resto do percurso é dedicado às terras que mais acolheram refugiados e às histórias de entreaajuda entre portugueses e estrangeiros nessas localidades. Por último fala-se da partida dos refugiados para outros destinos e das famílias que hoje podem existir graças a Sousa Mendes. A par do carácter puramente histórico deste Memorial consideramos que ele tem um papel pedagógico e que transmite uma ideia de esperança já que, através das histórias relatadas se percebe que mesmo nos momentos mais negros da História há sempre alguém que faz a diferença, alguém que dá uma mão e que é possível recomeçar do zero. E é essa mensagem de esperança - num mundo que parece tantas vezes desumanizado - que a equipa que fez este Memorial quer transmitir.

Nota biográfica

Licenciada em História da Arte e investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua atividade de investigadora em 1986 no âmbito da fortificação marítima tendo dirigido, entre 1987 e 2005, em Cascais várias escavações arqueológicas. Entre 1993 e 1998 pertenceu aos quadros da Exposição Mundial de Lisboa (EXPO'98) onde comissariou várias exposições. *Freelancer* a partir de 1999 foi curadora de inúmeras exposições. Tem mais de vinte títulos publicados, o último dos quais, Thomaz de Mello Breyner, *Relatos de uma Época, do final da Monarquia ao Estado Novo*, Prémio Grémio Literário em 2018. Desde 2000 que se dedica ao estudo das questões relacionadas com a chegada de refugiados durante a II Guerra Mundial. Nesse âmbito comissariou a exposição *Portugal et Luxembourg, pays d'espoir en temps de détresse*, 13 de fevereiro - 13 de setembro de 2020 no Centre de Recontre Culturel Neimenster, Luxemburgo. Curadora de Vilar Formoso, Fronteira da Paz, Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes inaugurado em 2017. A investigação feita nesse âmbito mereceu-lhe, em 2018, o Prémio APOM (Associação Portuguesa de Museologia) na categoria de Investigação. Curadora da exposição *Portugal, the Last Hope*, Center for Jewish History, Nova Iorque, abril de 2016. Curadora da exposição *Lisboa a última fronteira*, Lisboa, Torreão Poente do Terreiro do Paço, 2013; Responsável científica pela investigação e conteúdos do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes (*online* desde 2008). Tem proferido inúmeras palestras sobre o tema tanto em Portugal como no estrangeiro publicando desde 2013 na Revista do Semanário Expresso diversos artigos de divulgação sobre este tema.

Livros publicados neste âmbito: "Lisboa uma cidade em tempo de Guerra", Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012; "Vilar Formoso, Fronteira da Paz", Câmara Municipal de Almeida, 2014; e em coautoria com Irene Pimentel "O Comboio do Luxemburgo, os refugiados judeus que Portugal não salvou em 1940", Esfera dos Livros 2016.



Podemos falar de uma hierarquia da memória da Shoah? O que nos ensina a Operação T4, dita de Eutanásia

Esther Mucznik

Presidente da Memoshóá - Associação Memória e Ensino do Holocausto

Esta questão surgiu-me durante um seminário organizado pelo Yad Vashem em colaboração com a Memoshóá de 26 a 29 de fevereiro 2017 no Castelo de Hartheim, na Áustria, perto de Linz. Durante a IIª Grande Guerra era chamado de Castelo da Morte porque foi um dos seis centros do programa T4, dito de Eutanásia, onde foram assassinadas ao todo cerca de 30 mil pessoas. Havia seis centros psiquiátricos de extermínio na Alemanha e na Áustria que desempenharam um papel crucial no que se tornou o Holocausto. O seminário foi muito interessante não só para conhecermos e percebermos o âmago do programa T4, mas também porque Hartheim como centro de extermínio de deficientes é talvez o "melhor" local para entendermos o que significa a negação da diferença. Também nos fez compreender que há relativamente ao Holocausto uma hierarquia da memória, na qual o extermínio dos deficientes ocupa o último lugar. E ocupa o último lugar não só pelo apagamento de vestígios, pela indiferença e vergonha, mas porque à diferença de outras vítimas da Shoah, os deficientes não tinham porta-vozes, não tinham nem representantes, nem voz... São assim os últimos na hierarquia da memória.

A intervenção irá demonstrar esta ideia através da análise de cada grupo de vítimas do nazismo e do seu respetivo lugar na cronologia da memória.

Palavras chave: Deficientes, Eutanásia, Memória, Nazismo

Nota biográfica

Viveu em Israel e em Paris onde estudou, respetivamente, língua e cultura hebraica e Sociologia na Sorbonne. Foi Vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa de 2002 a 2016; Fundadora da Associação de Estudos Judaicos; Cofundadora do Fórum Abraâmico de Portugal; Fundadora e presidente da Associação Memória e Ensino do Holocausto – MEMOSHOÁ; Fundadora do Museu Judaico de Lisboa (em preparação) e coordenadora da sua instalação; Membro da Comissão Permanente da Comissão de Liberdade Religiosa; Colunista do jornal Público de 2002 a 2011, continuando a manter uma colaboração regular. Estudiosa de questões judaicas, participou em numerosas conferências em Portugal e no estrangeiro. Coordenou e ministrou cursos e seminários sobre história e cultura judaica, tais como: OS JUDEUS E O MAR, VIAGENS, DESCOBRIMENTOS E DIÁSPORA, Centro Nacional de Cultura, 1998; TURISMO E PATRIMÓNIO RELIGIOSO, Faculdade de Teologia/Universidade Católica de Lisboa (2004); INICIAÇÃO À HISTÓRIA DO JUDAÍSMO PORTUGUÊS, Departamento de Ensino da Comunidade Israelita de Lisboa-CIL (2010); A DESCOBERTA DO PATRIMÓNIO JUDAICO EM PORTUGAL: O VISÍVEL E O INVISÍVEL, Departamento de Ensino da CIL (2010); INFLUÊNCIA DO JUDAÍSMO NA CULTURA EUROPEIA, Europa viva – Faculdade de ciências, Universidade de Lisboa (2010) e Departamento de Ensino da CIL (2010); MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO NA CULTURA EUROPEIA, Curso de Formação Avançada, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa/Memoshóá (2012); SIONISMO E CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL, Departamento de Ensino da CIL (2013) Para além de numerosos artigos sobre estas temáticas em revistas e catálogos, publicou as seguintes obras: CONTAI AOS VOSSOS FILHOS, O HOLOCAUSTO NA EUROPA, Dir. editorial e coordenação, Gótica 2000; ESTRELAS DA MEMÓRIA, coord., Reborn editora, para Global Notícias Publicações, Maio 2005; ISRAEL, PASSADO E PRESENTE, coord. com Joshua Ruah, Difel, Novembro 2007; DICIONÁRIO DO JUDAÍSMO PORTUGUÊS, coordenação com Lucia Liba Mucznik, José Alberto Tavim e Elvira Mea, Editorial Presença, 2009; ANTISEMITISMO, UMA VELHA QUESTÃO SEMPRE ACTUAL, em "Dança dos Demónios-Intolerância em Portugal", Circulo de Leitores, Temas e Debates, 2009; GRÁCIA NASI, A JUDIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI QUE DESAFIOU O SEU PRÓPRIO DESTINO, Esfera dos Livros 2010; PORTUGUESES NO HOLOCAUSTO, Esfera dos Livros, 2012; AUSCHWITZ, UM DIA DE CADA VEZ, Esfera dos Livros, 2015; A GRANDE EPOPEIA DOS JUDEUS NO SÉCULO XX, Esfera dos livros, 2017. Cooordenadora da Exposição: "OS JUDEUS ENTRE OS DESCOBRIMENTOS E A DIÁSPORA" Fundação Calouste Gulbenkian, 1994 e autora do documentário "A PALAVRA ÀS TESTEMUNHAS", filmado com base em entrevistas a refugiados e sobreviventes da Segunda Grande Guerra, produção Artémis 2002.



A História e o Documentário cinematográfico

Ansgar Schaefer

Instituto de História Contemporânea - NOVA/FCSH

Aeroporto de Lisboa, janeiro de 1948. A chegada de um quadrimotor *skymaster* dos transportes aéreos portugueses com um grupo de 75 crianças austríacas que viajaram a convite da Caritas Portuguesa, deu início a uma das maiores ações humanitárias de toda a história nacional. Ao longo dos quatro anos seguintes, mais de 5.000 crianças, oriundas das principais cidades austríacas, Viena, Salzburgo, Graz e Linz, chegariam a Portugal para um verão nas terras lusas, sob um sol e calor retemperadores.

Ao contrário dos anos de guerra, em que o regime salazarista reagia à tragédia humana da perseguição de judeus que se desenrolava a Norte dos Pirenéus com obstáculos burocráticos impenetráveis, a vinda daquelas crianças, “filhos de gente humilde e pobre”, acolhidas por famílias maioritariamente abastadas e devotas ao regime, foi encarada com grande benevolência. Os meios de informação controlados pelo regime apressavam-se na cobertura da chegada das crianças, exaltando o regime de Salazar que, ao contrário dos restantes governos europeus, conseguia afirmar Portugal como “uma terra de paz e alegria” onde sempre se encontraria “o desinteressado carinho para aqueles que sofrem”.

Numa Europa de fronteiras tendencialmente fechadas para as vítimas das guerras atuais, o exemplo desta ação histórica pode proporcionar um entendimento informado e atualizado da questão das migrações forçadas e da necessidade e vantagens do acolhimento incondicional do “outro”, hoje.

Ao longo desta intervenção serão apresentados vários trechos do documentário *Viagem ao Sol* (Kintop, 2021), realizado por Susana de Sousa Dias e Ansgar Schaefer. Usando unicamente imagens de arquivo inéditas, de proveniência maioritariamente familiar, o filme parte de testemunhos de cerca de cinco dezenas de antigas crianças austríacas que foram enviadas no contexto do pós-guerra para Portugal, um dos poucos países europeus poupados ao maior conflito do século XX. O que começou como uma espécie de memória desta ação humanitária transformou-se, no entanto numa reflexão perturbadora sobre crianças em situação de conflito e pós-conflito, mas também sobre a potência do olhar infantil em revelar realidades ofuscadas pelas narrativas oficiais. Partindo de um pequeno episódio da grande História, *Viagem ao Sol* estabelece inesperadas e múltiplas ressonâncias com o presente, numa Europa cada vez mais assolada por movimentos migratórios e onde o espaço para o Outro parece reduzir-se inexoravelmente.

Palavras chaves: guerra – pós-guerra / crianças austríacas / ação humanitária

Nota biográfica

Doutorado em História Contemporânea de Portugal, com uma tese sobre os documentários históricos realizados sobre a guerra colonial portuguesa. Tem várias publicações nacionais e internacionais sobre a emigração judaica para Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. Recentemente coorganizou a exposição “Os Trabalhadores Forçados Portugueses na Alemanha Nazi” (Centro Cultural de Belém); Corealizou o documentários *Viagem ao Sol* (com Susana de Sousa Dias) e *A Outra Guerra* (com Elsa Sertório) e produziu vários documentários premiados internacionalmente entre os quais *Fordlândia Malaise* (realização Susana de Sousa Dias, estreia Berlinale 2019), *Sobre Tudo Sobre Nada* (realização Dídio Pestana, estreia Festival de Cinema de Locarno 2018), *48* (realização Susana de Sousa Dias, Grand Prix Cinéma du Réel 2010), entre outros.



Portugueses nos Campos no Concentração Nazis

Patrícia Carvalho

Jornalista do Jornal Público

Irá apresentar a investigação que desenvolveu para o jornal Público sobre os portugueses que foram enviados para campos de concentração nazis, durante a Segunda Guerra Mundial. O trabalho, que deu depois origem a um livro, foi o primeiro a traçar um retrato, com diversos testemunhos, de como os cidadãos que tinham nascido em Portugal, mas emigraram para países ocupados, também foram apanhados pelas malhas da guerra, apesar da neutralidade portuguesa no conflito.

Nota biográfica

Jornalista do Jornal Público. Nasceu no Porto, em 1975, e fez a sua formação em Ciências da Comunicação, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Depois de trabalhar com vários órgãos de comunicação, ingressou no Público em 2008, onde continua até hoje. Em 2014, o jornal publicou a sua investigação sobre os portugueses enviados para os campos de concentração nazis, durante a Segunda Guerra Mundial. O trabalho esteve na origem do livro, publicado um ano mais tarde, com o título Portugueses nos Campos de Concentração Nazis (Vogais, 2014). É também autora dos livros Fátima: Milagre ou Construção (Ideias de Ler, 2017) e Ainda aqui estou (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018), sobre os incêndios que devastaram o país em 2017.

Strafen im Lager:

Grund:

Art:

Bemerkun



O ensino e a memória do Holocausto em Portugal: o exemplo do Projeto N.O.M.E.S. na Escola Secundária de Vilela e na Escola Secundária da Maia

Sandra Costa

Professora da Escola Secundária da Maia

¹ <https://www.publico.pt/2019/07/04/culturaipilon/opiniaio/rasura-memoria-democracia-1878401>

Criado em setembro de 2008, na Escola Secundária de Vilela, atual Agrupamento de Escolas de Vilela, o Projeto N.O.M.E.S. (Nomes e Olhares para a Memória e o Ensino da Shoá), como a sua denominação sugere, foi concebido tendo por base a filosofia educativa da Escola Internacional para o Estudo do Holocausto, integrada no Yad Vashem, cuja prioridade é a personificação das vítimas: dar um rosto, um nome e uma história a cada uma delas.

Tendo o projeto terminado, no final do ano letivo 2016/2017, após a afetação da docente responsável ao Agrupamento de Escolas da Maia, a sua pertinência e a sua importância, pelo contrário, continuavam atuais, não só pensando no passado, mas principalmente tendo como foco a responsabilidade do presente e o seu (nosso) impacto no futuro, nestes dias em que «vivemos uma inquietante vaga de rasura da memória projetada a partir do apagamento, da reescrita e da trivialização de episódios da história», como tão bem evocou o historiador Rui Bebiano¹.

Assim, no ano letivo 2019/2020, retomou-se este Projeto na Escola Secundária da Maia, com a mesma designação e a mesma metodologia, mantendo-se, no cerne deste projeto sobre a memória e o ensino do Holocausto, uma atitude reflexiva e crítica; uma metodologia de trabalho de projeto geradora de empatias, sem julgamentos; um esforço pela clarificação de conceitos e a contextualização histórica e a percepção de que o Holocausto não é apenas um tema judaico, mas uma preocupação universal (o racismo, o negacionismo, a xenofobia, a intolerância são temas atuais, não são compatíveis com a democracia e colocam-na em perigo). Com uma metodologia centrada na vítima, mas também nos testemunhos dos sobreviventes, procurou-se, ao longo dos vários anos letivos, através de diversos materiais pedagógicos construídos pelos alunos, retratar a história e a vida dos judeus antes da Shoá, a sua vida quotidiana durante o Holocausto e o retorno à liberdade e à vida. Mas como esta história não se fez apenas de vítimas, o enfoque da contextualização também recaiu sobre os perpetradores, os observadores passivos e os Justos entre as Nações.

Nesta comunicação, procurar-se-á mostrar alguns dos trabalhos e atividades realizados pelos alunos ao longo das dez edições do Projeto, explicitando-se a metodologia utilizada, e, num momento final, exemplificar a tipologia de fontes utilizadas no trabalho de reconstituição histórica que originou as quatro exposições mais representativas do Projeto, bem como identificar algumas das bases de dados online de arquivos internacionais sobre esta temática. O objetivo desta comunicação é, pois, lançar pistas para hipóteses de trabalhos futuros com os alunos, em prol da Memória Histórica e da Educação para a Cidadania e para os Direitos Humanos.

Palavras chave: Memória, Projetos Escolares, Holocausto

Nota biográfica

Licenciada em História, Ramo Educacional, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1994), possui o Mestrado em História Contemporânea (2006), cuja dissertação *O divórcio no Porto (1911-1934)*. E aos costumes disse nada venceu o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea da Universidade do Minho 2006, e é professora de História do Ensino Básico e Secundário desde 1993. Desde setembro de 2017, leciona na Escola Secundária da Maia (Agrupamento de Escolas da Maia). Dinamizou, entre os anos letivos de 2008/2009 e 2016/2017, na Escola Secundária de Vilela (Paredes), e no ano letivo 2019/2020, na Escola Secundária da Maia, o Projeto N.O.M.E.S. (Nomes e Olhares para a Memória e o Ensino da Shoá), mediante o qual desenvolveu vários trabalhos com os alunos sobre a questão do Holocausto, tendo por base a filosofia educativa da Escola Internacional para o Estudo do Holocausto, integrada no Yad Vashem. Tem seis obras de poesia publicadas: *Sob a luz do mar*. Porto: Campo das Letras, 2002; *Nada se sabe das profundezas*. Porto: In-libris, 2003; *Nenhuma Flor. Oito imagens e o dizer dos lábios*. Belgais e In-libris, 2004; *A vocação dos homens silenciosos*. Maia: Cosmorama, 2006; *Untitled, volta d'mar*, 2017 e *Boletim Meteorológico, volta d'mar*, 2020.



A Associação de Professores de História no Quadro das comemorações – atividades e recurso

Miguel Barros

Presidente da Associação de Professores de História

A Associação de Professores de História possui uma história, relativamente longa, relacionada com o ensino do Holocausto. Esse processo iniciou-se em 1996, com a participação da APH no lançamento de um concurso escolar intitulado Diz-me o que foi o Holocausto, inserido no Ano Internacional da Tolerância e promovido pelo Ministério da Educação. Em maio de 1997, no Congresso anual da APH, dedicado ao ensino da História, abordava-se, numa comunicação, algo que continua, atualmente, a marcar o ensino do Holocausto como incontornável e que abordarei na minha comunicação – a questão da sua centralidade enquanto acontecimento definidor no sentido histórico do termo, servindo de padrão referencial, nomeadamente na prevenção de genocídios e de outros crimes contra a humanidade.

Nota biográfica

Professor do Ensino Básico e Secundário desde 1991. Licenciado em História – Ramo de Formação Educacional. Mestre em História, Defesa e Relações Internacionais (ISCTE / Academia Militar). Doutoramento em Estudos Urbanos – História Moderna (NOVA / ISCTE). Professor cooperante do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (NOVA-FCSH). Autor de manuais escolares para o Ensino Básico e Secundário (Editoras ASA e RAIZ). Presidente da APH desde 2013.



A Cáritas em Portugal (1947-1958)

Eugénio Fonseca

Presidente da Cáritas Portugal

O período de referência da ação da Cáritas que me foi proposto partilhar situa-se entre os anos de 1947 – 1958. Todavia, tenho de recuar ao ano anterior por ter sido em 1946 que foi realizada a primeira e fundamental de uma qualquer instituição que é a elaboração dos Estatutos. Desde esse ano e durante muitos mais a designação da Cáritas foi “União de Caridade Portuguesa”, apontando para os fins, missão e objetivos.

A Associação “União de Caridade Portuguesa” é instituída pelo Estado em 1946. Será também o Estado a proceder à sua extinção, mas somente após a Igreja Católica criar, em 1956, a União de Caridade Portuguesa (Caritas).

Com diferente perfil, logo na responsabilidade pela sua criação, esta nova organização irá assumir os dirigentes, o pessoal, as atividades e, presume-se, o património daquela que o Estado havia erigido dez anos antes.

Em 1950 foi ensaiada, aparentemente sem sucesso, aprovação de estatutos pela Igreja Católica.

Datas relevantes:

- 1946 a 1951 - Chegada e partida de austríacas, francesas, russas, alemãs.
- 1947 - Participação na Conferência da Caritas Catholica Internationalis; chegada das primeiras 46 crianças (austríacas) de avião; para FNAT e particulares [1.º turno da Áustria]; partida de Lisboa do 1.º turno de crianças austríacas; chegada de mais 75 crianças [2.º turno da Áustria];
- 1950 - Provisão do cardeal Cerejeira de aprovação dos Estatutos da Caritas Portuguesa;
- 1952 - Criação da “Obra de Protecção às Crianças Portuguesas”;
- 1954 - Colónias de Férias para crianças pobres portuguesas; Cáritas, Cruz Vermelha e Mocidade Portuguesa Feminina e Masculina constituíram comissão, por iniciativa do Diário Popular: “Todos os portugueses pelos portugueses da Índia”;
- 1956 - Assinatura de acordo entre Cáritas Portuguesa e Cáritas Americana; 1.º desembarque da ajuda alimentar americana; ereção canónica da instituição católica União de Caridade Portuguesa (Caritas), por provisão do cardeal Cerejeira, por recomendação da Santa Sé;
- 1957 - 1.º Conselho Geral, Lisboa; envio de géneros alimentares para as vítimas do vulcão na Horta-Faial (origem EUA);
- 1958 - 2.º Conselho Geral, Lisboa; despacho do director-geral dos Serviços de Censura, autorizando a publicação do jornal *Caritas*, com dispensa de censura prévia e quaisquer outras formalidades; 3.º Conselho Geral, Lisboa

Nota biográfica

Licenciado em Ciências Religiosas pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Professor de EMRC no Ensino Secundário, na situação atual de destacado. Foi membro do Conselho Económico e Social. Presidiu ao Conselho Geral do Instituto Politécnico de Setúbal. Integra o Conselho Social da Faculdade de Ciência de Economia e Empresas da Universidade Lusíada da Universidade Lusíada. Faz parte do Grupo Consultivo para a Integração das Comunidades Ciganas (CONCIG). Preside ao Conselho Consultivo do Centro Hospitalar de Setúbal. É Presidente da Cáritas Portuguesa e da Confederação Portuguesa do Voluntariado. Integra à Comissão de Ética para a Saúde do ICS da Universidade Católica Portuguesa. Integra o Conselho das Ordens de Mérito Civil da Presidência da República. Recebeu várias distinções, entre as quais a de Grande Oficial da Ordem de Mérito Civil. Tem publicado alguns livros e dezenas de artigos.



As “Crianças Cáritas”, entre a Áustria e Portugal (1947-1958)

Ana Regina Pinho

FLUP/CITCEM

Entre 1947 e 1958, milhares de crianças austríacas foram acolhidas no seio de famílias e instituições portuguesas, no quadro de uma ação promovida pela Caritas.

Escapados assim, durante algum tempo, à miséria de uma pátria devastada pela guerra, estas “crianças Caritas” encontraram no Portugal do Estado Novo — neutro durante a Guerra e, portanto, intacto — guarida e, na maioria dos casos, afeto: uma experiência que, além de se ter repercutido nas memórias e percursos destes indivíduos, também deixou marcas que, embora cada vez menos aparentes, continuam a fazer-se sentir em Portugal.

No âmbito de uma investigação resultante de parceria entre a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Câmara Municipal do Porto, procurou-se perceber de que forma se processou a Ação, as suas repercussões quer nas famílias de acolhimento quer nos percursos das crianças acolhidas, bem como a forma como a mesma foi tratada pelos organismos governamentais e imprensa ao seu serviço à época e percecionada pela generalidade da população, no sentido de desenhar um quadro o mais abrangente possível acerca da mesma.

Os resultados de tal trabalho, publicados em “As «Crianças Caritas», entre a Áustria e Portugal (1947-1958)”, serão aqui apresentados de forma resumida.

Palavras-chave: crianças, Caritas, Áustria, Portugal, acolhimento

Nota biográfica

Formada em Línguas, Relações Internacionais e Cooperação, pela FLUP, Ana R. S. Pinho perscrutou as histórias de vida de imigrantes em situação irregular em «A imigração irregular em Portugal: vidas que explicam factos», tendo, recentemente, completado o Doutoramento em História, na mesma instituição, no âmbito do projeto «As “Crianças Caritas”, entre a Áustria e Portugal (1947-1958)», da responsabilidade do CITCEM e da Câmara Municipal do Porto.

Formou-se também nas áreas do Teatro Musical, Práticas Artísticas em Comunidade, e Danças Urbanas, na AMVP, ESMAE, e Academia AAD, respetivamente, desenvolvendo, entretanto, vários projetos, recorrendo às Artes Performativas como instrumento de integração social, designadamente no campo de refugiados de Eleonas, em Atenas, com o Project Elea.

Colabora atualmente com a Rede E2O Portugal e a ONGD Rosto Solidário, no desenvolvimento e implementação de projetos nacionais e internacionais que recorrem aos mesmos instrumentos na persecução do mesmo objetivo: a igualdade de oportunidades para todos.



Ensino de História e Memórias Dolorosas

Maria Luísa de Bivar Black

Conselho da Europa

Os acontecimentos do passado não se repetem. De muitos desses acontecimentos, há um registo histórico, muitas vezes incompleto. O trabalho dos historiadores revela apenas uma parcela desses registos; outros há que fazem sínteses da história publicada. Alguns trabalhos têm muita qualidade, outros são menos bons. A história escrita, na verdade, representa tão só uma pequena parte do passado e, como na caverna de Platão, o trabalho de investigação do historiador resume a eterna procura do sentido da vida. A história é sempre um trabalho em construção. A educação histórica tem sido um campo recorrente de debate, onde diferentes atores apresentam ideias opostas sobre o que se deve incluir no currículo, e porquê, e como se deve ensinar. Atualmente, levantam-se outras questões, que carecem de debate e reflexão, nomeadamente sobre qual a finalidade da educação histórica, quando os factos históricos já estão acessíveis na Internet, e sobre a omissão de questões dolorosas, polémicas e delicadas nos currículos de história. Essas mesmas questões são sobrestimadas nalguns meios de comunicação social, e com especial ênfase nas redes sociais, o que dificulta um debate sério, construtivo e frutífero.

Nota biográfica

Professora universitária aposentada (História e Formação de professores) é especialista e consultora em História e Educação Cívica do Conselho da Europa, OSCE, EUROCLIO e UNESCO. Atualmente é responsável pela Monitorização e Avaliação do projeto Educação para a Cidadania, financiado pelas EEA Grants e gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em consórcio com a Fundação Bissaia Barreto, e promovido pela Fundação Gonçalo da Silveira (FGS), em consórcio com o Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica - Porto. É membro e formadora da ONG Learn to Change, Change to Learn e Vogal do Conselho de Administração do European Wergeland Centre (2019-2022), tendo sido nomeada pelo Real Ministério da Educação e Pesquisa da Noruega.

Publicações mais recentes: *Shared Histories for a Europe without Dividing Lines; Quality History Education in the 21st Century. Principles and Guidelines; Reference Framework of Competences for Democratic Culture; Global Education Guidelines. Concepts and methodologies on global education for educators and policy makers; Does history education have a future?*

Meerschaum.

Lagerst

Häftlings-Personal-

Name: P a r i a D e S a

Überstellt

ne: Joao

am:

n: 15.3.19 n: Sezures

Organização

Leonel Rocha

Vereador da Educação, Conhecimento e Cultura - CMVNF

Arminda Ferreira Educação/Cultura - CMVNF

Luís Alberto Alves FLUP/CITCEM

Isabel Barca FLUP/CITCEM

Filipa Sousa Lopes IHC/NOVA - FCSH

António Gonçalves Galeria Municipal Ala da Frente

Miguel Barros APH

Aurora Marques CFAEVNF

rt d. Angehörigen:

am:

Estevão F., Sezures,

Vilanova Familiarcan. Portugal

am:

iesen am: 19.1.44

BDS.- Paris

am:

Buchenwald

Polit. Portugêse

Entlassung:

fen: keine

am:

du

mit Verfügung v.:

Strafen im Lager:

Grund:

Art:

Bemerkun



Famalicão
CÂMARA MUNICIPAL



Educação



Cultura



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



ALA
DFRE
INTE
CONTEMPORÂNEA

INSTITUTO
DE HISTÓRIA



APH

Associação
de Professores
de História



De Famalicão para o Mundo

Em torno da memória do holocausto e a ajuda humanitária

programa

Organização

Leonel Rocha
Vereador da Educação, Conhecimento e Cultura - CMVNF

Armanda Ferreira Educação/Cultura - CMVNF
Luís Alberto Alves FLUP/CITCEM
Isabel Barca FLUP/CITCEM
Filipa Sousa Lopes IHC/NOVA - FCSH
António Gonçalves Galeria Municipal Ala da Frente
Miguel Barros APH
Aurora Marques CFAEVNF

25 setembro (sexta-feira)

- 14h00 **Abertura**
Paulo Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
Leonel Rocha, Vereador da Educação, Conhecimento e Cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
- 14h15 **Apresentação e divulgação do Projeto “Nunca Esquecer – Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto”**
Luiz Barreiros membro do Grupo de trabalhos do Projeto e Chefe da Delegação Portuguesa junto da Internacional Holocaust Remembrance Alliance (IHRA)
- 15h10 **Portugal e os Nazis – Histórias e Segredos de uma Aliança**
Cláudia Ninhos, IHC/NOVA- FCSH
- 15h45 Debate**
- 16h00 Intervalo
- 16h30 **Memórias de Aristides (projeto de Museu de Vilar Formoso)**
Margarida Magalhães Ramalho, IHC/NOVA- FCSH
- 17h15 **Podemos falar de uma hierarquia da memória da Shoah? O que nos ensina a Operação T4, dita de Eutanásia**
Esther Mucznik, Presidente da Memoshoá - Associação Memória e Ensino do Holocausto
- 18h00 **A História e o Documentário cinematográfico**
Ansgar Schaefer, IHC/NOVA- FCSH
- 18h45 Debate**
Conclusão

26 setembro

- 9h00 **Portugueses nos Campos de Concentração Nazis**
Patrícia Carvalho, Jornalista do Público
- 10h00 **O ensino e a memória do Holocausto em Portugal: o exemplo do Projeto N.O.M.E.S. na Escola Secundária de Vilela e na Escola Secundária da Maia**
Sandra Costa, Professora da Escola Secundária da Maia
- 11h00 Debate**
Intervalo
- 11h30 **A Associação de Professores de História no Quadro das comemorações – atividades e recurso**
Miguel Barros, Presidente da Associação de Professores de História
- 12h15 **Debate**
Pausa almoço
- 15h00 **A Cáritas em Portugal (1947-1958)**
Eugénio Fonseca - Presidente da Cáritas Portugal
- 15h45 **As “Crianças Cáritas”, entre a Áustria e Portugal (1947-1958)**
Ana Regina Pinho, FLUP/CITCEM
- 16h30 Debate**
Intervalo
- 17h00 **Memórias para a História de Famalicão: depoimentos**
17h45 **Ensino de História e Memórias Dolorosas**
Luísa Blak, Conselho da Europa
- 18h30 Debate**
Encerramento
- Acreditado pelo CCPFC/ACC 108930/20

**Pequeno Auditório da
Casa das Artes**
presencial e online

Inscrição obrigatória: <https://forms.gle/V5ZKJngTTNgLrZc26>